



A LINGUAGEM DO MUNDO DIGITAL: QUEM LÊ E QUEM NÃO LÊ?

Maria das Neves Gonçalves¹

Maria Venâncio Lima²

Paulo Rosas dos Santos³

RESUMO

Os anos passam, as teorias pedagógicas multiplicam-se, por isso, a realidade da sala de aula deve fazer uso das linguagens do mundo digital. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é refletir a realidade dos estudantes que não conseguem êxito por meio do uso das novas tecnologias, ainda mostrar as possibilidades de aprendizagem por meio da linguagem digital. A pesquisa tem a relevância de justificar novas práticas pedagógicas pelas circunstâncias de identificar o potencial interativo e dinâmico do uso das novas tecnologias. O presente artigo tem o objetivo principal analisar a dinamicidade da linguagem digital na sala de aula, no desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes. Como objetivos específicos, o estudo busca valorizar as leituras dos alunos as quais são trabalhadas pelos professores na escola e fora dela, e pensar na inclusão digital. Isso, se deve a atenção dada aos códigos convencionais pelos alunos (as). Para isso, foi feito o uso das contribuições teóricas de autores que pesquisam e mostram a produtividade da linguagem digital, como: Lopes (2016), Pacheco (2018), Bagno (2010), Morin (2001), Perrenoud (2000), Rosas (2012) e outros. A partir desses e da realidade encontrada na escola pública (A) será possível mostrar que a prática pedagógica (re)significada formará melhores cidadãos.

¹ Graduada no Curso de LETRAS da Universidade Federal de Campina Grande - PB, Especialista em PSICODAGOGIA pela Faculdade Integrada de Patos – PB, Especialização no Curso de LÍNGUA PORTUGUESA da Faculdade São Francisco de Cajazeiras – PB, Especialização no Curso de LITERATURA BRASILEIRA da Universidade Estadual do Ceará – CE, Especialização no Curso de GESTÃO E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA da FAK – CE, Mestra e Doutora no Curso de Ciências da Educação da Universidad SAN Carlos – PY, mestre.neves@hotmail.com;

² Graduado no Curso de PEDAGOGIA da Universidade estadual Vale do Acaraú - CE, Graduada no Curso de Geografia pela Universidade Regional do Cariri – CE, Especialista no Curso de METODOLOGIA DO ENSINO MÉDIO pela Faculdade São Francisco, Cajazeiras – PB, pós graduada no Curso de GESTÃO ESCOLAR pela universidade Estadual Vale do Acaraú – CE, Pós Graduada no Curso de EDUCAÇÃO, POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL pela Universidade Federal do CE, Mestranda em GEOGRAFIA pela universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN. mariavenancio@gmail.com;

³ Graduado no Curso de LETRAS da Universidade UNOPAR – PR, Especialista no curso de LITERATURA BRASILEIRA pela Faculdade FAEME – MA, Mestre no Curso de Ciências da Educação da Universidad Americana / Univ Graduado no Curso de LETRAS da Universidade UNOPAR – PR, Especialista no curso de LITERATURA BRASILEIRA pela Faculdade FAEME – MA, Mestre no Curso de CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO da Universidad Americana / Universidade Federal - GO, psingrid@gmail.com;



Palavras-chave: Linguagem Digital, Prática Pedagógica, Estudante, Escola, Tecnologias.

INTRODUÇÃO

O livro, o celular, um simples laboratório de informática não dá conta das necessidades da nova geração. É importante que os professores estejam atentos as novidades, desde grupos de estudo em redes sociais até atividades digitais interativas de aprendizagem. É preciso a escola se aproximar do mundo dos alunos, para além da sala de aula.

Os motivos digitais estão altamente integrados com a tecnologia, por isso, é necessário adaptar a metodologia de ensino para se adequar às necessidades educacionais da contemporaneidade. Alguns métodos inovadores como lusa digital, plataformas e outros dispositivos já são explorados, mas não o suficiente para atender aos anseios amplos de nossas crianças e jovens.

É preciso inserir no currículo dos níveis de ensino as novas tecnologias. Computadores e softwares possibilitando uma interatividade dos alunos (as) em tempo real, mediando um conhecimento que as transformem em cidadãos capazes de pensar e criar, em um mundo cada mais mutante e interativo.

Ademais, as novas tecnologias no seu uso e funcionalidade possibilita a aprendizagem do letramento digital. E foi com o objetivo desta pesquisa teórica que se mostra a relevância de abordar as premissas da era digital no tocante da informática na escola; nas inovações pedagógicas e na dinamicidade no processo interativo da construção do conhecimento. A vida dos alunos (as) na sua digital – quem lê e quem não lê nas redes sociais e outros veículos digitais. Ainda, se aborda o dilema do professor no processo de mediação das novas tecnologias.

E para fundamentar essas reflexões considerou-se Lopes (2016); Pacheco (2018); Bagno (2010); Morin (2001); Perrenoud (2000); freire (1996); Almeida (2002); Bortoni – Ricardo (2017); Rosas (2012) e outros autores que pesquisam sobre as mudanças pedagógicas na era digital.



Trata-se de um trabalho que servirá para os professores implementarem novas práticas de ensino sob o viés das novas tecnologias, para atender a dinamicidade e o uso dos softwares e plataformas.

METODOLOGIA

O presente artigo versa selecionar e explorar vários teóricos das tecnologias e mídias as quais veículam na sociedade. Outro destaque é a implementação do uso das tecnologias nas escolas públicas e privadas mencionado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que deverá alcançar todas as escolas do país e até 2022. O uso da tecnologia nas escolas é cada vez mais essencial para se adequar às demandas do momento em que vivemos atualmente, o da revolução tecnológica. Portanto, o artigo é uma oportunidade de leituras, pesquisas bibliográficas e aplicação no ensino público por meio de projetos didáticos pedagógicos. A metodologia ficará no campo teórico-prático a partir de reflexões, da potencialização das novas tecnologia no processo do letramento de signos e sinais convencionais do mundo da escrita tudo isso para melhorar a qualidade do ensino, que estimulará a utilização dos recursos tecnológicos no ambiente escolar e das práticas pedagógicas, com o intuito de formar as competências essenciais do aluno para o século XXI.

REFERENCIAL TEÓRICO

OS ALUNOS DA GERAÇÃO ATUAL

A geração atual vive conectada nas redes sociais, lendo, relendo, postando todos os tipos de textos, mas, o que falta é uma interpretação das leituras e produções realizadas nas salas de aula. Eles até utilizam com facilidade a interação com o mundo virtual, porém não constroem os conceitos necessários para fortalecer o ensino-aprendizagem.

Não há dúvida, a escola pública com implementando práticas pedagógicas por meio das plataformas digitais, pois é uma necessidade da educação contemporânea, visto



que incentiva os alunos (as) e prepara-os para o mundo do trabalho. No tocante, os desafios são apresentados tanto para o professor como para o aluno.

Primeiro, as novas tecnologias não são algo fora da realidade da vida dos estudantes, embora há aqueles que não têm acesso no uso diário, aliás, as gerações y e z convivem com educação digital de forma direta ou indiretamente. Desse modo, o desafio é integrar todos quando a escola não oferece computadores e nem outras mídias.

Segundo aspecto, a falta de preparação dos professores, por sua vez, ainda perdura a “falta de interesse” e a preparação técnica para uso das novas tecnologias a favor da exploração de potencialidades. Talvez, seja uma folha na formação de professores, porque nem todas foram preparadas na universidade para o ensino por meio das plataformas e outros veículos digitais.

Portanto, a escola pública recebe os estudantes, porém ainda falta estruturas pedagógicas no sentido de ensinar o aluno (a) a ler, escrever e interpretar as diversas linguagem. Sabe-se, que desde a revolução Francesa se pregou uma educação na igualdade educacional para o povo, considerando o desenvolvimento físico, intelectual e moral. E o Brasil será que despertou para esta filosofia? Até temos uma escolarização laica, gratuita, pública para alunos e alunas, contudo, na política público educacional brasileira após anos de manifestos e leis voltadas para regulamentação da educação ainda convivemos com os problemas da repetência e da evasão escolar somando-se ao analfabetismo funcional.

Nessa realidade observa-se que, já não estamos atingindo aos objetivos de nossos jovens. É preciso pensar sobre a capacidade de abstração, do desenvolvimento do pensamento sistêmico, ao contrário da compreensão parcial e fragmentada dos conceitos abordados em nossas salas de aula, principalmente na sociedade conectada com o mundo.

Tendo em vista tais reflexões sobre a vida do aluno (a), incorporada no mundo digital, a educação deve cumprir um papel dinâmico, científico e cultural e deve ser estruturada em quatro alicerces: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.



No atual contexto mundial, ainda é necessário ao estudante reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, saber comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável. Será que ele conectado sem materialização conceitual e orientação didática pedagógica vai conseguir? É preciso reinventar o ensino em sala de aula.

A escola com práticas tradicionais vai desaparecer. Vivemos uma revolução em vários sentidos. Segundo (Pacheco In Nóvoa, 2018):

A primeira é a revolução digital, que está mudando a nossa maneira sentir, o nosso modo de viver e nossa maneira de aprender. Na segunda revolução passaremos a solidão da sala de aula para a construção coletiva de um projeto educativo. A terceira consiste em pensar a educação para além da escola, de compreender todas as dimensões educativas que existem na cidade, na sociedade. (PACHECO In NÓVOA, 2018, p.8)

Portanto, os nossos jovens necessitam de uma escola plural, transformada e que dê oportunidades para a aprendizagem significativa e tecnológica. Não pode haver talentos desperdiçados, pois no Brasil as empresas queixam-se da falta de “mão-de-obra” qualificada, e para suprir as necessidades o país contrata estrangeiros. Portanto, se a escola preparar nossos jovens no ensino médio como dita o plano nacional de educação por meio de programas mais acertados, evidentemente estaremos corrigindo a desigualdade social.

Sabe-se a geração atual é muito criativa, portanto, desenvolver ao máximo seu potencial explorando as ferramentas digitais: E-mails, Telefones, Computadores, Internet, de forma democrática as ferramentas tecnológicas sejam utilizadas com um grande contingente de alunos e professores; valorizando as experiências de cada aprendente.

Contudo, a geração atual dos nossos alunos(as) estão conectados, porém, ainda precisando ser orientados de forma técnica associada as mudanças, as possibilidades de construção de conhecimentos e aos parâmetros da escola do futuro.

O PROFESSOR DESAFIANDO O ENSINO NA SOCIEDADE LÍQUIDA



“O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. PAULO FREIRE.

O professor sempre enfrentou obstáculos no exercício diário, pois o processo de ensino é uma construção e reconstrução de saberes os quais depende do contexto vivido pelos educadores (as). A tarefa docente é uma árdua prática educativa que acontece legalmente no “chão da escola”, e hoje, com as mudanças velozes e o uso das tecnologias tornou-se mais complexo. É preciso incorporar um currículo, matrizes curriculares para cada disciplina, programas e projetos, todos ao mesmo tempo.

Essa realidade contextualizada na era digital requer uma boa formação do professor esse que até então possui uma graduação “restrita” talvez, as experiências, compromisso e a formação continuada em serviço tenha sido a grande superação na vida de muitos docentes. Isso, porque a escola pública tem se preocupado bastante com a formação continuada de professores.

Segundo Almeida (2002), muitos professores não se deram conta do tipo de opção – teórico – pedagógica que os levará à efetivação deste propósito. Na maioria das vezes, o modelo pedagógico assumido, no planejamento e na sala de aula, valoriza sobretudo os conteúdos e conhecimentos a serem transmitidos, o que caracteriza entre nós a educação tradicional

Sob a influência de um planejamento normativo, onde os objetivos e estratégias são formuladas a partir de um quadro teórico desvinculado do contexto, a ação docente vai se desenvolvendo sem que o professor se dê conta dos diferentes tipos de influência que sofre de ordem pedagógica técnica, filosófica política e tecnológica.

Portanto, os mecanismos de ensino não podem ceder ao controle social e competições, que caracterizam a sociedade atual. É preciso que o professor se prepare e acompanhe as novas tecnologias fazendo uso delas no processo de construção de conhecimentos, afinal, a maioria dos nossos jovens vivem conectados com o mundo, contudo, faz-se necessário um plano de ensino definido a partir do plano global da escola.

Segundo Almeida (2002), professor desafiando:



A formação continua dever realizar-se também nas condições e possibilidades de acesso aos espaços formais de conhecimento, na formação profissional nas diferentes modalidades e níveis de ensino, para que o docente tenha fundamentação teórica necessária à reflexão e à análise da realidade e de sua complexidade para a construção de sua prática docente (práxis). (ALMEIDA, 2002, p. 94)

É notório que uma boa formação considerando a escola como lócus de referencia ou ressonância, o trabalho desenvolvido pelos docentes irá minimizar os desafios da era digital. Pois, a questão do obstáculo maior está quando há várias possibilidades para os educandos e o professor sente-se “incapaz” de aplica-las, por falta de preparação pedagógica. Dessa maneira, o trabalho do professor é técnico e intelectual, com base nos processos de reflexão na ação e de reflexão sobre as práticas executadas.

Ademais, o professor bem adaptado às práticas tradicionais deve se reinventar para acompanhar a era digital, e não é o diploma do professor que irá assegurar um bom ensino na sociedade atual.

Conforme Freire (1996):

A prática docente especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética. Se não se pode esperar de seus agentes que sejam santos ou anjos, pode-se e deve-se exigir seriedade e retidão.

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. (FREIRE, 1996, p. 65)

Observa-se que a presença do professor é exemplar para o processo de ensino aprendizagem a favor da prática ética, da dignidade da seriedade e da possível transformação da realidade. Portanto, a formação do professor ultrapassa os limites da titulação e dos certificados que ele possa ter no currículo. Logo, os conhecimentos aquisitando nas bancas escolares não irá favorecer uma boa prática educativa, apenas que ele seja reconhecido como profissional e consiga delinear o seu papel social na escola.

Ainda, há o desafio de o professor ensinar o aluno a ler, escrever e interpretar. Por sua vez, estamos imersos em uma sociedade cada vez mais centrada na escrita, nas multifuncionais, mas, não se consegue aplicar uma tecnologia eficaz de codificação e decodificação da língua materna para uma comunicação para responder as demandas sociais. É preciso, então considerar a existência de diferentes níveis de letramento as quais



propiciem que os estudantes progridam em relação ao desenvolvimento de habilidades leitoras ao longo da educação básica. Será que não era digital os discentes estão lendo e escrevendo mais? Até estão, mas sem conceituação teórica. É necessário o foco da aprendizagem a partir de diferenciados textos e do uso das novas tecnologias.

ERA DIGITAL: A informática na sala de aula

Houve o tempo em que o hábito de manter cadernos de anotações era algo bastante corriqueiro. Os livros comuns eram utilizados pelos leitores para o registro de passagens interessantes com que se deparava em suas leituras. Mas além de transcrições, esses cadernos também reuniam apontamentos sobre a vida cotidiana. Hoje esse hábito especial e pedagógico de absorver a palavra impressa, fundada na linearidade e contextualização da informação foi substituído pela internet. A realidade da escola pública é espalhar informações do currículo e do mundo digital o qual faz parte da maioria das crianças, jovens e adultos. A nova era é marcada por novas tecnologias em rede. Não é falso afirmar que E-mails, Blogs e rede sociais fazem parte da leitura, escrita e comunicação contemporânea. Dessa forma, a informática corrobora com a nova prática pedagógica e, principalmente os textos em geral. Para isso, os professores e estudantes estão conectados e responsáveis pelas mudanças.

Conforme a ideia de Lopes (2016):

o crescimento e o desenvolvimento de uma nação é sempre marcado pelo nossa capacidade de raciocinar. Considerando o período da descoberta do fogo até a contemporaneidade, percebemos que a tecnologia foi sempre o responsável pelo desenvolvimento de um povo. O domínio do fogo, da pedra do ouro, por exemplo, são formas de tecnologias de um certo período histórico. (LOPES, 2016, p.20)

A partir dessa ideia vê se que, a era digital apenas responder as exigências do mundo tecnológico, e a internet facilita as redes funcionarem na sociedade e no mundo. E na escola, o primeiro passo é mediar o ensino de informático banco, uma forma de engajar e preparar as nossas jovens o domínio além das canetas e lápis. É preciso sair da “era do fogo” visto que a informática como ferramenta de descobrir byts, códigos e sinais líquidos, pois é faz parte da globalização.



Na realidade, a sociedade evoluir e a escola não. Como a escola poderá garantir jovens preparados para o mercado de trabalho? Se nem todos possui o domínio das novas tecnologias.

Ainda segundo Lopes in. Kenski (2016):

Atualmente os países desenvolvidos são os países que tem o domínio da tecnologia. A única chance que o homem tem para conseguir acompanhar o movimento do mundo é adaptar-se à complexidade que os avanços tecnológicos impõem a todos, indistintamente. Estamos de certa forma, conectados e mais dependentes da tecnologia com o pensar dos tempos. (LOPES IN: KENKI, 2016, p. 21)

É notório, o acesso à informação é imprescindível para uma sociedade democrática; os códigos instrumentais e as operações em redes devem estar nas mãos de muitos para que os indivíduos saibam operar a favor do progresso individual e coletivo. Logo, a escola pública, a cada dia se faz necessário a criação de novas estratégias de ensino. O professor na contemporaneidade, deve conhecer e fazer uso das novas tecnologias na comunicação e os novos modos de educação por meio das plataformas devem ser enfrentados, pois o desafio da sala de aula hoje é um espaço lócus e abrangente, é preciso quebrar velhos paradigmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O artigo sobre os multiletramentos deixou claro que educador deve orientar atividades de leitura e escrita no sentido do uso e da funcionalidade das práticas sociais. Portanto a prática de ensino multimodal conforme Rojo Roxane, (2012):

Podemos dizer que alfabetismo relaciona-se mais às capacidades individuais (codificar, decodificar, compreender, interpretar, replicar, intertextualizar etc.), ao passo que o letramento está ligado ao contexto social, sendo situado e presente em múltiplas práticas (ROJO ROXANE, 2012, p. 129).

Vê-se que o letramento dar conta de uma leitura da realidade, por isso é preciso ir além do processo de alfabetizar. Neste caso, a partir da reflexão teórica sobre os multiletramentos caberá a escola pensar alguns conteúdos e metodologias de ensino que colaborem na função da instituição escolar e ajudar na reflexão sobre qual seria a função da instituição escolar em mundo globalizado, a qual interliga todos os indivíduos.



Queremos mostrar que o ensino dos multiletramentos estão associados a linguagem multimidiática; ela produz significados independentes dos textos verbais, permitindo modos de comunicação, métodos de pesquisas e ensino radicalmente diferentes. Dessa maneira, o conceito de letramento está ligado além das práticas grafocêntricas, pautadas pela leitura e pela escrita de textos impressos.

Pelas observações feitas, o trabalho na escola pública deve desenvolver metodologias com diferentes gêneros e formas de manifestações culturais e artísticas, em diferentes mídias, meios e linguagens, afim de promover a reflexão, investigação e até mesmo abertura para a formulação de possíveis subversões necessárias. Precisamos de letramentos múltiplos, diretamente ligado a uma proposta de ensino e de aprendizagem capaz de promover a leitura e a escrita como ferramentas de empoderamento e inclusão social.

Ainda é considerável as ideias de Rojo (2012):

As práticas de linguagens no contemporaneidade exigem novas reflexões no processo de ensino da leitura, já que novas são as relações multiculturais entre o que é local e global, valorizado e não valorizado; novas formas de circulação dos textos e as situações de produção e discurso; novas são os gêneros e as ferramentas de leitura – escrita (ROJO, 2012, p. 168).

De acordo com essas ideias, é possível elaborar um plano de trabalho com atividades de leitura e produção de textos multissemióticos; esses permitem repensar a noção tradicional de leitura e perceber que estamos cercados cotidianamente por diversos gêneros textuais. Então, cabe a escola adequar o processo de ensino da língua o qual faça sentido para os sujeitos. Por isso, os contextos de letramento devem partir de práticas situadas no cotidiano dos aprendizes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade da era digital vem oportunizar uma grande reflexão da escola que temos e da escola que queremos. Há as vantagens e as desvantagens do uso das novas tecnologias. Primeiro, há uma conexão global, tanto da ligação de redes como acesso as informações em tempo real. Porém, o ponto negativo é que nem todos os jovens



estudantes têm acesso, principalmente nas regiões nordeste e centro-oeste e no norte do Brasil.

Segundo, a desvantagem provoca uma desigualdade social também exclui aqueles que não sabem operar evidentemente, a escola precisa superar tais desafios e navegar na internet por meio de tarefas leitoras verbais e não verbais para a resolução de problemas que a vida escolar imprime e no processo de construção do conhecimento das crianças e jovens. Portanto, a geração do “clic” e do “chip” precisa de softwares educativos específicos da informática para ampliar as diversas formas de pensar.

É notável a dinamicidade dos novos softwares os quais os estudantes já dominam, conhecem e utilizam. Considera-se que a geração digital é uma espécie de extensão dos sentidos, por isso ela articula o conhecimento e a racionalidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de. et al. **Dialogando com a escola: reflexões do estágio e ação docente nos cursos de formação de professores.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2020.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Formação do professor como agente letrado.** 1 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 27 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOPES, Raimundo Edilberto Moreira (Org). **Informática na educação: contribuições enquanto ferramenta pedagógica.** Olinda, 2016.

MORIN, Edgar. **Os Sete saberes necessários à educação do futuro.** 4 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.



ISSN 2358-8829

**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020
Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

ROSAS, Paulo, **As práticas pedagógicas com as TIC nos colégios públicos municipais da cidade de Pilão Arcado-Bahia.** Publicado en el Número 2 Vol. III, Diciembre de 2016. Revista de Investigación de Derechos Sociales Humanidades. Asunción-PY. 2016.